

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
ORIENTADOR: Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho

“É NECESSÁRIO NASCER DE NOVO”:
CONVERSÃO RELIGIOSA E MUDANÇA MORAL NO
PENTECOSTALISMO

Juliana Barbosa Cândido

CAMPINA GRANDE/PB

2017

JULIANA BARBOSA CÂNDIDO

**“É NECESSÁRIO NASCER DE NOVO”:
CONVERSÃO RELIGIOSA E MUDANÇA MORAL NO
PENTECOSTALISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho.

CAMPINA GRANDE/PB

2017

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial “Tereza Brasileiro
Silva”, CCBS - UFCG**

C217n

Candido, Juliana Barbosa.

“É necessário nascer de novo”: conversão religiosa e mudança moral no pentecostalismo/ Juliana Barbosa Candido. – Campina Grande, PB: O autor, 2017.

29 f. 21 x 27,9 cm.

Orientador: Pedro de Oliveira Filho, Dr.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Universidade Federal de Campina Grande, 2017.

Inclui bibliografia.

1. Pentecostalismo. 2. Moral. 3. Mudanças. I. Oliveira Filho, Pedro (Orientador). II. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.9 (813.3)

Juliana Barbosa Cândido

**“É NECESSÁRIO NASCER DE NOVO”:
CONVERSÃO RELIGIOSA E MUDANÇA MORAL NO
PENTECOSTALISMO**

APROVADO EM: 04/09/2017

NOTA: 8,0

BANCA EXAMINADORA

Pedro de Oliveira Filho

Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho

Orientador

Carlos A. P. Guimarães

Prof. Dr. Carlos Antônio Fragozo Guimarães

Examinador

Eduardo Henrique Araújo de Gusmão

Prof. Dr. Eduardo Henrique Araújo de Gusmão

Examinador

Juliana Barbosa Cândido

**“É NECESSÁRIO NASCER DE NOVO”:
CONVERSÃO RELIGIOSA E MUDANÇA MORAL NO
PENTECOSTALISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Unidade Acadêmica de
Psicologia, Centro de Ciências Biológicas e
da Saúde, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Bacharel em
Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Pedro de Oliveira
Filho.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Pedro de Oliveira Filho

Unidade Acadêmica de Psicologia – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde / UFCG

Prof. Dr. Carlos Antônio Fragoso Guimarães

Unidade Acadêmica de Psicologia – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde / UFCG

Prof. Dr. Eduardo Henrique Araújo de Gusmão

Unidade Acadêmica de Psicologia – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde / UFCG

APROVADO EM: ____ / ____ / ____

*“Tudo pode ser tirado de uma pessoa,
exceto uma coisa: a liberdade de escolher 'sua
atitude' em qualquer circunstância da vida.”*

Viktor Emil Frankl

AGRADECIMENTOS

Farei os agradecimentos com carinho e certamente não conseguirei agradecer a todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram nessa jornada de alguns anos de curso.

Agradeço a Deus, pois me deu força para alcançar sonhos que não imaginava conseguir, sendo o curso um desses sonhos.

Agradeço aos meus pais que me apoiaram em todos os momentos de minha vida, não consigo imaginar minha vida sem eles.

Agradeço aos meus mestres que abriram verdadeiras janelas para visualizar horizontes nunca vistos antes e dividiram suas cargas de saberes conosco.

Agradeço aos amigos que foram porto de segurança, compartilhando lágrimas e sorrisos, a todos eles desejo muito sucesso.

Agradeço ao meu orientador, que seria de mim sem seu apoio? Obrigada por me ajudar tanto, obrigada pela paciência. A você, dedico esta humilde produção.

SUMÁRIO

Resumo:	9
1. Introdução	10
2. CRISTIANISMO E MORALIDADE NO OCIDENTE	12
3. A ORIGEM DO PENTECOSTALISMO	15
4. CARACTERÍSTICAS DA DOUTRINA PENTECOSTAL	17
5. CONVERSÃO RELIGIOSA E MUDANÇA MORAL E COTIDIANA DOS PENTECOSTAIS	19
5.1. PENTECOSTALISMO E SEXUALIDADE	23
5.2. USOS E COSTUMES DO PENTECOSTAL	25
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERENCIAS	29

**“É NECESSÁRIO NASCER DE NOVO”:
CONVERSÃO RELIGIOSA E MUDANÇA MORAL NO PENTECOSTALISMO**

Juliana Barbosa Cândido
Universidade Federal de Campina Grande-UFCG

Resumo:

As mudanças acompanham toda a trajetória do homem, mudamos desde a cor do cabelo até a forma de pensar, algumas são escolhas nossas outras são escolhidas para nós. A conversão ao pentecostalismo é uma escolha que parte de uma motivação, as restrições e proibições é o custo dessa nova forma de ver o mundo, tornar-se um pentecostal representa mudar o padrão moral que antes era base de escolhas, constituindo um antes e depois da conversão. Desta forma, a produção que será apresentada se detém em analisar de que forma acontece a conversão, quais os motivos que levam o convertido a assumir esse papel e como este, com ajuda da instituição religiosa, mantém sua fé, observando dois pontos especificamente, os usos e costumes e a sexualidade.

Palavras-Chave: Pentecostalismo, moral e mudanças.

Abstract:

All the human trajectory was followed by changes, we change since the hair color until the way of thinking, some choices is ours and others are someone else's choices for us. The conversion to Pentecostalism is a choice based on a motivation. The restrictions and forbiddances are the cost of this new way to see the world. Become a pentecostalist represents change the moral pattern that before was the base of all choices, building one person before the conversion and another person after the conversion. In this way, the production that will be presented consists in analyze in what form happens the conversion, which reasons that leads the converted to assume this role and how, with the help of the religious institution, keep his faith, watching two points specifically: The uses, behaviors and sexuality.

Keywords: Pentecostalism, Moral, Changes.

1. Introdução

Desde nossa infância somos ensinados sobre o certo e o errado, algumas vezes somos punidos e em outras somos recompensados de acordo com nossas ações, de acordo com uma moral predominante em nossa família. Com o tempo aprendemos novas regras, novos limites e mudamos, e os motivos das mudanças são os mais diversos, seja por aceitação social ou bem estar, há sempre alguém trabalhando em uma mudança, interior ou exterior, ou ambos. Dentre todos os motivos que levam o sujeito as transformações, a conversão religiosa convoca o sujeito a uma mudança de conceitos e atitudes, baseando-se em doutrinas e ensinamentos bíblicos. Frequentemente o convertido se abstém do que lhe dava prazer e passa a adotar uma conduta ascética, distanciada dos prazeres mundanos, motivado pela compreensão de que as suas condutas anteriores eram pecaminosas.

O controle que a religião tem sobre os sujeitos ultrapassa o campo dos ritos religiosos, frequentar uma igreja e tornar-se membro de uma determinada denominação religiosa é apenas o início do que se considera uma conversão. O convertido passa a ter comportamentos diferentes, deixa de frequentar determinados lugares, ou de vestir determinadas roupas, ou ouvir determinadas músicas, tudo o que envolve sua vida passa a ser direcionado pelas diretrizes religiosas.

Neste trabalho, nos interessa entender como o fenômeno da conversão se apresenta no pentecostalismo, como o sujeito se mantém comprometido com a doutrina pentecostal e quais são as mudanças subjetivas e comportamentais que acompanham o processo de conversão. Partindo do conceito de moral enquanto conjunto de regras na qual o sujeito baseia suas escolhas, tentamos entender se a moral inicialmente adotada pelo sujeito sofre alguma alteração e porque acontece isso.

Os pentecostais são conhecidos por seguirem uma doutrina rigorosa, que os distanciam de muitas relações e cenários sociais. Com uma vasta lista de proibições e uma forte crença no divino e em tudo que envolve o mundo espiritual, os pentecostais acreditam que sua vida deve servir de testemunho, ou de exemplo, tomando como referência o próprio Jesus Cristo. Meu interesse com o tema escolhido, não é apresentar uma instituição religiosa, mas, os sentimentos, experiências e atos dos sujeitos que escolhem seguir o pentecostalismo, ainda que isso signifique a submissão a um controle institucional.

Como afirmam Henning e Moré (2009) as manifestações religiosas exercem uma grande influência na construção da subjetividade do indivíduo, constituindo suas crenças, valores, comportamentos e emoções. Alves (2005) afirma que a relação com o divino, além de proporcionar mudanças em determinados comportamentos, muitas vezes pode ser o elemento primordial no processo de transformação e ressignificação na vida das pessoas.

Nos discursos de líderes pentecostais podemos observar a existência de promessas de mudança de vida e da recuperação de uma dignidade ou de um sentido perdido, e segundo Gomes (2011) para que o projeto de salvação seja concretizado, a igreja atua de maneira pontual em cada aspecto de conformação das experiências individuais. Alguns exemplos dessa atuação é o convencimento desses indivíduos a visitarem a igreja, o acolhimento dos conversos na comunidade religiosa e a oferta de suportes para a manutenção de sua permanência na religião.

Este trabalho está dividido em quatro partes, na primeira é apresentada a relação entre cristianismo e moralidade no ocidente, a ascensão do cristianismo e a constituição de uma moralidade religiosa. No segundo momento do trabalho, falamos sobre a origem do pentecostalismo e como este se instalou no Brasil ganhando popularidade entre as classes mais pobres. Na terceira parte do trabalho, apresentamos as principais características da doutrina pentecostal. Por fim, falamos sobre o cotidiano de um pentecostal, como é a moral escolhida pelo convertido. Como este se enxerga na sociedade e o que muda em sua vida após a conversão. De que forma o convertido é motivado a permanecer em uma doutrina que exige um distanciamento daquilo que lhe dava prazer? Como a religião acaba por tornar-se o sentido da vida de muitos sujeitos? São questões importantes para entender como funciona o pentecostalismo enquanto nova moral de vida.

Para a construção deste trabalho, foi feito uso da pesquisa bibliográfica, com base em um levantamento da produção bibliográfica sobre o tema proposto, realizado em livros, artigos e revistas especializadas, disponíveis em bases de dados eletrônicos como o [Scientific Electronic Library Online](#) (SciELO) e [Periódicos Eletrônicos em Psicologia](#) (PePSIC), buscando temas sobre a moralidade, a conversão religiosa e o pentecostalismo. Essa busca visou fundamentar a produção, na intenção de apresentar as questões que envolvem conversão religiosa, desde os motivos que levam a conversão, até a manutenção desta. Buscando compreender como acontecem as mudanças no âmbito moral e comportamental do sujeito convertido.

2. CRISTIANISMO E MORALIDADE NO OCIDENTE

Considerando a Moral enquanto conjunto de normas nas quais o indivíduo se baseia para regular suas relações com a sociedade, Sanchez (2002) afirma que a função da moral é trazer harmonia entre os interesses do indivíduo e os da sociedade. O autor acredita que a moral pode mudar ao longo da história, de acordo com a mudança da sociedade. De fato, historicamente, encontramos diversos tipos de moral em diferentes contextos. Mesmo com mudanças históricas e em cenários diferentes, podemos notar que em grande parte dos casos a moral apresenta algum conteúdo religioso.

Conforme Gonzáles (2001), o cristianismo cresce consideravelmente em Roma no início do século III d.C., no momento de grandes crises enfrentadas pelos romanos, a crise moral (grande aumento da corrupção), a crise social, política e econômica. Nesse momento de caos, o cristianismo parece apresentar a melhor saída para os plebeus, com um rei incorruptível e uma vida eterna, nem mesmo a perseguição e a morte poderia impedir sua expansão, pois à medida que eram mortos, os mártires tornavam-se heróis, o que inspirava ainda mais a plebe romana. A perseguição enfrentada pelos cristãos colaborou na disseminação do cristianismo pelo mundo, pois, na tentativa de fugir de seus perseguidores, acabaram levando sua fé às cidades que os recebiam. Somente após a liberação do culto cristão, pelo imperador Constantino, no ano 313, com o Édito de Milão, foi fundada então a Igreja Católica Romana.

Durante a Idade Média, a igreja garantia a unidade religiosa, mesmo em uma sociedade fragmentada, mas também, a unidade política e cultural. A igreja controlava todos os aspectos da vida dos seres humanos, ditava a forma de nascer, crescer e morrer ditava sua fé, sua forma de pensar e festejar, e ainda detinha uma grande parcela de terras pela Europa Ocidental. Todo esse poder estava baseado nos princípios morais cristãos e no caráter imperativo que a religião impunha.

A moral cristã está baseada nos ensinamentos bíblicos, estes regem todas as áreas da vida do sujeito: as relações familiares e sociais, a sexualidade, a economia e os prazeres. A busca por santidade, conforme escrito em Pedro (1:15) “mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também **santos em toda a vossa maneira de viver**”, apresenta-se como o verdadeiro sentido do “viver como cristão”. A Lei, como são conhecidos os mandamentos, torna o homem consciente do pecado, apresentando-lhe o que é certo e errado, santo e pecado, puro e profano, responsabilizando-o pelas consequências que suas escolhas trarão, sejam boas ou más.

Há diferentes interpretações para o papel da religião na sociedade moderna, mas, tratando-se de uma visão sociológica, podemos observar que o cristianismo tomou dois caminhos no ocidente: o catolicismo e o protestantismo. O catolicismo, segundo Paiva (2010), pensando em uma igreja-instituição apresenta um indivíduo submisso a uma verdade absoluta, enquadrado em atividades religiosas, fazendo uso “das obras” e da mediação do clero, para alcançar uma salvação após a morte.

Já no protestantismo, segundo a autora, a salvação é transferida dos ideais do monastério para a vida cotidiana, inserindo o indivíduo no mundo e tornando-o responsável por sua salvação. Na versão calvinista do protestantismo encontramos uma maneira de salvar-se em que, para além de uma responsabilidade individual, faz-se necessário, uma “prova” de mudança e salvação, para isso o fiel não é retirado do mundo, como acontecia no catolicismo, mas passa a viver no mundo, em constante tensão entre a realidade mundana e suas convicções, na tentativa de “ser diferente do mundo”, conforme escrito em Malaquias (3:18): “Então voltareis e vereis a diferença entre o justo e o ímpio; entre o que serve a Deus, e o que não o serve”

Essa responsabilização do indivíduo em tornar-se ético e a obrigatoriedade de seguir na busca pelo aperfeiçoamento é característico da moralidade religiosa. E ela está presente muito claramente na filosofia ocidental e até nas ciências sociais, não obstante a pretensão dessas disciplinas de se afastarem da religião e construir saberes autônomo. Descartes (1979, p.63-67) apresenta algumas reflexões sobre uma moral provisória, dividindo-a em quatro partes, a primeira diz respeito à obediência, quando afirma que “obedecer às leis e aos costumes do meu país, conservando a religião na qual Deus me deu a graça de ser instruído desde a infância [catolicismo]”. A segunda apresenta uma decisão pessoal: “Ser o mais firme e mais resoluto que pudesse nas minhas ações”. A terceira disciplina seria: “Procurar sempre antes vencer-me a mim próprio do que vencer a fortuna e modificar antes os meus desejos do que a ordem do mundo”. A quarta e última: “Passar em revista as diversas ocupações que os homens têm nesta vida, para procurar escolher a melhor; [...] empregar toda a vida a cultivar a razão e a avançar [...] no conhecimento da verdade”.

Descartes defende a ideia de um contentamento de espírito, em seguir firme, executando tudo o que julgamos bem e racional, uma tentativa de fugir ou purificar-se daquilo que ameaça o bom senso do entendimento. Apenas uma existência guiada pela luz do intelecto, pode proporcionar uma “vida feliz”. O homem cartesiano é composto de corpo e alma e essa união produz ideias confusas, porém, o objetivo da moral, nesse sentido, seria elevar o homem a um plano onde possa alcançar a virtude. Na moral

cartesiana, podemos encontrar três pontos importantes, o livre-arbítrio, a generosidade e a virtude, para Descartes, o livre-arbítrio nos assemelha a Deus, a generosidade é a consciência de que temos livre-arbítrio e que devemos empregá-lo com sabedoria, e a virtude é a capacidade de julgamento para agir de forma correta.

É exatamente sobre esse sentimento de obrigatoriedade, o agir de forma correta em resposta a um conjunto de regras, que Kant (1994) fala, quando afirma que o indivíduo comprometido com determinados valores ou princípios acaba por sentir-se na obrigação de agir da forma que julgar correta. A filosofia kantiana sobre a moral defende a ideia de uma realidade psíquica, ou consciência, onde existe um plano moral, como expressa na afirmativa:

O puro respeito pela regra, eis o fato decisivo; e por pouco frequente ou limitado que seja este estado de consciência, é isto que importa à ciência explicar (KANT, 1994, p.104).

O sujeito apresenta-se como um juiz do bem e do mal, esse julgamento parte de um plano psicológico para o campo do discurso e comportamentos.

Durkheim (1974) aceita a definição de Kant, e afirma existir um sentimento de sagrado quando se trata da obrigatoriedade causada pelo “agir bem, obedecendo”. O autor reconhece que nem sempre o sentimento de obrigatoriedade experimentado pelo sujeito corresponde à exigência social, por exemplo, viver em uma sociedade onde a caridade não é uma obrigação, o sentimento de dever, nesse caso, é pessoal. Geralmente, a obediência às regras que dizem respeito à justiça é socialmente exigida, enquanto a obediência às regras que tratam de benevolências não é socialmente exigida, mas, o sentimento de obrigatoriedade pode existir mesmo sem a exigibilidade social.

Durkheim (2008) entende o fenômeno moral como um fenômeno social igual a qualquer outro, que se pode compreender por meio do uso de métodos das ciências positivistas. Para ele, a partir da compreensão científica desse fenômeno se pode construir uma moral laica científica, sem influência da Igreja ou de ideologias da matriz filosófica. Durkheim afirma que, “moral (...) é tudo o que é fonte de solidariedade, tudo o que força o indivíduo a contar com seu próximo, a regular seus movimentos com base em outra coisa que não os impulsos de seu egoísmo”, e a moralidade é tanto mais sólida quanto mais numerosos e fortes são aqueles laços de solidariedade.

Durkheim ainda sustenta a ideia de que moral parte de fatos morais, “a moralidade consiste em realizar fins impessoais, gerais, independente do indivíduo e de seus interesses

particulares” (DURKHEIM, 2008, p.118). Para o sociólogo, a moral possui um cunho de obrigatoriedade, mas, também envolve o desejo do indivíduo no sentido de agir moralmente, com base no que julga ser o bem. Sendo assim, pode-se entender que existe uma moral comum, para os homens que pertencem a uma coletividade, partindo de um ponto referencial impessoal, conforme pensa Durkheim, “a moral começa, na vinculação a um grupo, do tipo que for” (DURKHEIM, 2008, p. 48).

Descartes, Kant e Durkheim, apresentam a ideia de uma moral, partindo da necessidade que o indivíduo possui, de manter uma vida digna e harmônica, para que a relação indivíduo/sociedade seja mais bem desenvolvida. A razão fruto de uma autorreflexão, em Descartes, a razão produto da consciência, em Kant e a razão fruto de experiências e fatos sociais, em Durkheim, apresentam um indivíduo como responsável pela norma moral, assumindo uma conduta que respeite as normas impostas afim de legitimar sua vida moral.

3. A ORIGEM DO PENTECOSTALISMO

O termo Pentecoste, que significa quinquagésimo, surge no Antigo Testamento. A tradicional Festa de Pentecostes, festa hebraica, marcava o início da colheita do trigo e era uma espécie de santificação do povo durante o período da colheita. Nessa celebração, os israelitas ofereciam o melhor de suas colheitas a Deus. No Novo Testamento, o Pentecoste é uma comemoração da descida do Espírito Santo sobre a igreja e o cumprimento da promessa de Cristo, conforme registrado em Atos 2.

Após a Reforma Protestante, com a contribuição de diversos avivalistas dos séculos XVIII e XIX, o Movimento Pentecostal, como é conhecido hoje, começou a ficar mais evidente. No início do século XX uma das manifestações mais significativas para o Movimento, ocorreu com um grupo que fazia estudo bíblico em Topeka, no Kansas, nos Estados Unidos. Porém, foi a partir das pregações de William J. Seymour em um galpão na rua Azusa, 312, que o Movimento ganhou notoriedade mundial. Desde então, cresce o número de adeptos ao pentecostalismo, e segundo Ryrie (2004) esse crescimento é enfatizado pelo batismo com o Espírito Santo, que permite aos pentecostais o retorno às experiências concedidas no Novo Testamento.

Numa das reuniões pentecostais de Seymour o pastor batista W. H. Durham, de Chicago, estava presente e também “falou em línguas”. Então levou essa experiência para

a sua Igreja em Chicago. Ele ressaltava que a justificação (ou seja, o perdão dos erros passados) já é o início da santificação e que o Batismo do Espírito Santo seria a segunda bênção. Segundo Mendonça (1984), essa doutrina é reencontrada no pentecostalismo brasileiro, pois na Igreja de Durham em Chicago encontramos o núcleo comum a partir do qual se formariam “as três vertentes do pentecostalismo brasileiro”: a Congregação Cristã do Brasil, a Assembleia de Deus e a Igreja Evangélica Quadrangular no Brasil.

A história das igrejas pentecostais tem em comum o fato de que seus fundadores vieram de denominações diferentes, cujas crenças não eram compatíveis com a experiência com a qual eles tiveram contato. A Congregação Cristã do Brasil (CCB) foi a primeira igreja pentecostal a se instalar no Brasil. Em 1910, o italiano Luigi Francescon, membro da Igreja Presbiteriana Italiana, funda a CCB depois de ter contato com as pregações de Durham. A partir dessa experiência passou a acreditar em dons de novas línguas, o que contradizia a crença da sua antiga denominação.

Em 1911, foi a vez da Assembleia de Deus (AD) ser fundada no Brasil pelos suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. Em 1902 migraram para os Estados Unidos à procura de trabalho e de melhores condições de vida, devido à crise financeira que seu país enfrentava. Lá conheceram a igreja de Durham e se converteram ao pentecostalismo. Como foi fundada inicialmente no Pará, a AD cresceu muito mais nas regiões Norte e Nordeste. As classes populares são atraídas para a AD em razão do clima de solidariedade que caracteriza essa igreja, da liberdade de expressão e manifestação religiosa nos cultos e outras reuniões e do acesso direto às lideranças.

Diferentemente da Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus que foram fundadas no Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular, institucionalizada no Brasil em 1953, foi fundada em Los Angeles pela missionária canadense Aimee McPherson, que também se converteu ao pentecostalismo através das pregações de Durham. No Brasil as campanhas em tendas de lona de circo, conhecidas como “Cruzada Nacional de Evangelização”, foram dirigidas pelos missionários Harold Williams e Raymond Bootright que pregavam a cura divina.

A explosão pentecostal no Brasil foi causada, segundo alguns sociólogos e historiadores, pela pregação ampla e insistente sobre cura divina, além do fato de que a igreja possuía mais adeptos nas classes sociais mais baixas. Sobre isso, Galindo (1995) afirma:

Sociologicamente se fala de pentecostalismo como da “religião dos pobres”. Com isso alude-se não só às pessoas que o iniciaram, mas também ao fato de que

entre os pobres a fé cristã costuma ser entendida e vivida de maneira diferente das classes acomodadas. Os conceitos só são aceitos quando confirmados, convalidados e legitimados pelos valores da própria cultura [...]. O pentecostalismo globalmente representa esse tipo de cristianismo desinteressado da doutrina e centrado no emocional, na vivência do sobrenatural, por isso são tão importantes, nele, os milagres, e os sinais como o falar em línguas (glossolalia), as curas, os exorcismos. (GALINDO, 1995, p.91)

A influência sueca foi de grande importância na inserção do pentecostalismo no Brasil, observada principalmente no Pietismo das igrejas da Assembleia de Deus, conforme Freston (1994) afirma. A valorização das experiências espirituais e a simplicidade aproximou as igrejas pentecostais das camadas mais pobres da sociedade. No entanto, ainda segundo Freston (1994), após os anos 60 ocorreram mudanças no meio pentecostal, com a chegada da Teologia da Prosperidade e da Libertação. A cura e o falar em línguas ficou em segundo plano e se passou a enfatizar a chamada “guerra espiritual”, com a inclusão nas reuniões sessões de exorcismos. A partir desse momento, abrem-se diferentes possibilidades para o surgimento de novas vertentes pentecostais, resultando em diversas categorias e muitas divisões internas.

4. CARACTERÍSTICAS DA DOCTRINA PENTECOSTAL

Uma das principais características do Pentecostalismo, é a experiência dos diversos dons do Espírito Santo. Os pentecostais acreditam que todos os crentes devem receber os dons do Espírito, baseando-se no que está escrito em Atos 1 e 2:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava. Havia em Jerusalém judeu, temente a Deus, vindo de todas as nações do mundo. Ouvindo-se este som, ajuntou-se uma multidão que ficou perplexa, pois cada um os ouvia falar em sua própria língua. Atônitos e maravilhados, eles perguntavam: "Acaso não são galileus todos estes homens que estão falando? Então, como os ouvimos, cada um de nós, em nossa própria língua materna? Partos, medos e elamitas; habitantes da Mesopotâmia, Judéia e Capadócia, Ponto e da província da Ásia, Frígia e Panfília, Egito e das partes da Líbia próximas a Cirene; visitantes vindos de Roma, tanto judeus como convertidos ao judaísmo; cretenses e árabes. Nós os ouvimos declarar

as maravilhas de Deus em nossa própria língua! "Atônitos e perplexos, todos perguntavam uns aos outros: "Que significa isto"? (...). Os que aceitaram a mensagem foram batizados, e naquele dia houve um acréscimo de cerca de três mil pessoas. Eles se dedicavam ao ensino dos apóstolos e à comunhão, ao partir do pão e às orações. Todos estavam cheios de temor, e muitas maravilhas e sinais eram feitos pelos apóstolos. Todos os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum. Vendendo suas propriedades e bens, distribuíam a cada um conforme a sua necessidade. Todos os dias, continuavam a reunir-se no pátio do templo. Partiam o pão em suas casas, e juntos participavam das refeições, com alegria e sinceridade de coração, louvando a Deus e tendo a simpatia de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava todos os dias os que iam sendo salvos. (BIBLIA, Atos 2 1-47)

Dois teólogos e pesquisadores do pentecostalismo, Ryrie (2004) e Champlin (2002), afirmam que o texto acima apresenta alguns aspectos que caracterizam a essência do Pentecoste. Um deles estaria na passagem "línguas de fogo", que denota, para os pentecostais, uma representação de pureza ética, a vida de um indivíduo convertido, deve ser limpa e superar a os limites de sua existência. Fogo e vento simbolizam a presença divina, e o batismo de fogo veio de forma visível e tem um propósito de não somente fazer com que falassem línguas estrangeiras, mas que a partir daí eles se dispersassem pelo mundo, levando consigo a mensagem de Jesus Cristo. Essa dispersão demonstraria simbolicamente a universalidade do cristianismo. O princípio de uma vida nova e a solidariedade também são outras características do pentecostalismo, que resultou em um ambiente comunitário onde o indivíduo eticamente puro passa a realizar ações solidárias.

Segundo Passos (2005), a experiência religiosa no pentecostalismo é selada pelo Batismo do Espírito Santo, e isso é para o crente, uma distinção entre o convertido e as demais pessoas. E essa diferença também é observada na sua maneira de viver, se afastando do "mundanismo", como da TV, cinema, baile, fumo, bebidas alcoólicas, etc. Outras proibições também são consideradas: p. ex., a mulher não pode usar maquiagem de forma exagerada, nem uso de certos tipos de roupas. A ruptura com as "coisas do mundo" é sinal visível do crente e pré-condição para receber o Batismo do Espírito Santo.

A tentativa de resgatar as experiências espirituais descritas no Novo Testamento, pelos apóstolos, é outra característica marcante do crente pentecostal. Para resgatar essas experiências, todos devem participar dos cultos e ser ativos na igreja. Sobre isso, Mariano (1999) afirma que existe certa democratização do religioso, diferentemente da estrutura hierárquica clérigo-leigo, apresentada pela igreja católica.

Mariano (1999) afirma que, no pentecostalismo brasileiro, o indivíduo é “justificado” na conversão a Jesus Cristo, sua santificação acontece com o batismo no Espírito Santo, não existindo uma ordem cronológica para os acontecimentos, podem até mesmo ser simultâneos. Após o batismo com o Espírito Santo, o fiel acredita ter sido eleito, rompendo assim, qualquer ligação com o “mundo” e preparando-se para a “vinda de Jesus Cristo”, conforme a promessa feita por Jesus, descrita:

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu teria dito. Vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, **virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo**, para que onde eu estiver estejais vós também. (BIBLIA, João, 14. 1-3)

5. CONVERSÃO RELIGIOSA E MUDANÇA MORAL ENTRE OS PENTECOSTAIS

A crença no arrebatamento e na ideia de que o retorno do Cristo é apenas para os santos, e que somente estes, serão resgatados do mundo, motiva os pentecostais na busca por uma transformação de vida, constantemente; um processo de santificação que envolve cada área de suas vidas e esse processo tem início na conversão.

Gomes (2011) entende conversão como “mudança” e “transformação” tanto no nível das ideias, como no nível das práticas. O termo conversão caracteriza tanto a mudança de uma religião para outra distinta, como também uma mudança de visão, de identidade. Gomes (2011) ainda diferencia a “conversão” da “adesão”, a primeira é uma mudança no sistema de valores do sujeito, enquanto a última refere-se a qualquer forma de participação em movimento religioso, sem que haja uma mudança em seu estilo de vida. A religiosidade e a espiritualidade estão presentes constantemente na vida do pentecostal. Pessanha & Andrade (2009) compreendem a espiritualidade como uma experiência transcendental individualizada, não necessariamente ligada a uma determinada religião, enquanto que a religiosidade é apresentada como uma experiência religiosa organizada e institucionalizada. Mesmo com a distinção entre organização e indivíduo ambas, religiosidade e espiritualidade, aparecem na medida em que os pentecostais acreditam que são membros de um só corpo (instituição), mas que a salvação é individual.

O processo de conversão está baseado em alguns comportamentos emocionais que proporcionam uma mudança de estado, para Rubem Alves (2005) a crise emocional torna-se principal motivo da conversão, “não existe conversão sem crise, não existe conversão sem sofrimento” (ALVES, 2005. p.96). A conversão passa a ter um papel fundamental na mudança de vida do sujeito, trata-se de uma resignificação do sentido da vida, que passa a ser reorganizada antes e depois da conversão. A busca por um significado para os fenômenos da vida cotidiana são motivos relevantes para a escolha por crenças religiosas. Conforme afirma Pereira (2006), a religião acaba se tornando fonte de sentido e segurança para o sujeito. Pereira (2006) ainda defende que é na religião, que o homem encontra lugar para uma reestruturação de vida em seus momentos de crise.

A busca pelo sentido da vida é tema da logoterapia, e, segundo Frankl (1989), o questionamento sobre este sentido é a expressão do que há de mais humano no homem. O autor ainda afirma que essa busca por sentido é a motivação primária do homem e que o sentido diz respeito tanto a momentos da vida como também à sua totalidade. Tomando como base a crença pentecostal de que Deus criou os homens com uma finalidade, encontramos um exemplo do que Frankl chama de autotranscendência do sentido, que remete ao homem livre, enquanto capaz de decidir-se sobre sua atitude pessoal orientando-se para a realização daquilo que considera como sentido. Quando esse sentido, que é considerado o “melhor possível”, se apresenta para o sujeito, então ele o abraça.

O processo de busca pela salvação é constante na vida de um pentecostal, e, de acordo com Machado (1996), o pensamento religioso pentecostal prega a conduta moral e ética, também denominadas santificadas, como uma das formas de atingir a salvação. A conversão, no pentecostalismo, deve vir acompanhada por atos e comportamentos que diferenciem o cristão dos não-cristãos, afim de fazerem de suas vidas, um testemunho permanente de santificação. Tomando como base os ensinamentos descritos no livro de Atos, acreditam que devem viver livres, sem medo e incentivar outras pessoas a escolherem essa forma de vida. Machado (1996) afirma que a moralidade familiar torna-se base para o comportamento dos novos adeptos, a partir disso o novo convertido é disciplinado, ou discipulado, nas normas que regem a instituição.

A igreja Assembleia de Deus, uma das primeiras igrejas pentecostais no Brasil, tem seus ensinamentos baseados em 14 credos, neles encontramos regras que regem o comportamento e conduta, tais como a necessidade do novo nascimento para tornar o homem digno do céu, e é exatamente essa a aspiração do pentecostal, o tornar-se digno do céu. Rolim (1987) interpreta essa aspiração como um indicador de não preocupação com

os males temporais da sociedade, como uma priorização de assuntos espirituais, a salvação da alma e a busca por agradar a Deus. Ainda segundo o autor, a conversão masculina, na maioria das vezes, ocorre na tentativa de livrar-se de vícios como álcool, cigarro e qualquer outro tipo de droga, já a conversão feminina geralmente é uma tentativa de converter o marido. Após a conversão, e o abandono dos vícios, o convertido percebe um progresso material, pois não gasta mais com as bebidas, por exemplo, levando-os a crer ainda mais nas bênçãos divinas.

Para Antoniazzi (1994), a conversão ao pentecostalismo exige uma participação do adepto, esta participação seria uma forma de proteger-se dos males espirituais, assim como manutenção de uma mudança de vida. Rolim (1987) apud Antoniazzi (1994), em uma entrevista concedida por um convertido ao pentecostalismo, que veio de outra matriz religiosa, registrou o seguinte discurso:

“Ninguém entende a nossa religião se não entra para a nossa igreja. Para isso é preciso aceitar Jesus. Antes eu era católico. [...] Quando uma vez ou outra ia nas missas de domingo, as pessoas não me conheciam. [...] Na religião, o que eu era mesmo era devoto dos santos. Era mais para rezar pros santos que de missa. Me tornei pentecostal escutando um crente pregar no vizinho. [...] Eu bebia muito na época. Por isso lá em casa tinha sempre briga por causa que eu bebia. [...] Um dia vi uns crentes cantar na casa do vizinho. Fui lá só por curiosidade, vi um crente, pedreiro como eu, falando e dizendo que Jesus muda a vida das pessoas. Quando acabou, ele disse: “Quem quiser aceitar Jesus levante o braço”. Um as pessoas levantaram o braço e eu levantei o meu”. (ROLIM, 1987, p.12)

Com base na entrevista, Antoniazzi (1994) afirma que para entender o pentecostalismo, o convertido precisaria participar, e somente assim a identificação poderia ser construída. O autor ainda acrescenta que, muito mais do que uma procura por melhorias na condição econômica e uma vida sem crises, o convertido buscava no meio pentecostal um cuidado pastoral com relação a problemas cotidianos, cuidado que não encontrou na igreja católica. Além do sentimento de amparo, o convertido é orientado a restringir-se de contatos que tinha antes da conversão, de acordo com Campos (2009) as práticas consideradas pecaminosas, tais como fumo, bebidas alcólicas e a relações sexuais fora do casamento são evitadas, afim de que esses indivíduos sejam reconhecidos como crentes, tornando o cotidiano um contexto do divino.

A conversão e a manutenção da fé pentecostal fazem o indivíduo assumir uma reorientação moral centralizada no Espírito Santo. Segundo Antoniazzi (1994), a percepção de vida é reconstruída, a partir de interações e troca de experiências consideradas “inexplicáveis”, sendo assim, o crente assume um distanciamento das coisas passadas e assume então um discurso de “não sou mais”. Valores morais, padrão comportamental, regras e costumes, são ensinados desde a conversão, com o objetivo de manter a santificação e de tornar o crente diferenciado da sociedade, transformando suas vidas em testemunho de fé. Escolher a conversão é algo que parte do próprio sujeito, na busca por um equilíbrio que o livre de tensões. Além disso, há ainda a compreensão da conversão como um sentido, assim, como afirma Frankl (1989), o sentido não é criado pelo homem, o sentido é percebido por ele, partindo desse pensamento, entende-se que o convertido, em sua genuína conversão, não enxerga seu novo comportamento como apenas um conjunto de regras rigorosas, mas como o encontro com a verdadeira moralidade.

“No quadro teórico de uma interpretação psicodinâmica da consciência, o ser humano empenha-se na direção do comportamento moral somente no intuito de livrar-se do incômodo de uma consciência pesada ou, para nos atermos a uma terminologia psicodinâmica, o incômodo de um superego insatisfeito. Obviamente, tal visão do comportamento moral do homem desvia-se da questão central sobre a verdadeira moralidade, a qual se revela apenas quando o ser humano começa a agir em virtude de algo ou de alguém, e não por si mesmo, isto é, não para ter uma consciência tranquila ou fugir de uma consciência pesada” (FRANKL, 1989, p.42).

Machado (1996) afirma que o pentecostalismo incentiva a manutenção das relações dos crentes, tornando o comportamento e o modo de vida diferenciado, um meio para conseguir a salvação. Tudo que envolve a vida do pentecostal deve estar voltado para o divino, sendo assim, seu lazer, sua forma de vestir-se e a forma de falar é rigorosamente policiada. Também é proposto pelo pentecostalismo o combate aos vícios e o distanciamento de comemorações populares, como o carnaval e festas em homenagem aos ídolos. As razões que levam à conversão são tomadas como ponto de partida para compreender melhor os vínculos entre a mudança na concepção de si mesmo e da reestruturação cognitiva. Segundo Gilberto Velho (1985) as experiências de conversão e as mudanças de comportamento variam de acordo com a condição de vida do convertido. Cristãos com uma experiência de baixa condição de vida precisam de algo mais concreto,

como deixar de fumar ou de beber, para construírem um conceito de mudança de vida através de imagens do cotidiano. Os que possuem uma experiência de vida mais abastadas tem como ponto forte o fator subjetivo, uma mudança de conceitos e padrões, incluindo questões de gênero e poder, por exemplo.

5.1.PENTECOSTALISMO E SEXUALIDADE

No tocante aos relacionamentos, Machado (1996) afirma que a referência à família é encontrada na comunidade de fé, e essa família se tornaria responsável pelo novo convertido diante de conflitos que possam surgir, incluindo a incompreensão de familiares sanguíneos. O casamento, no caso de solteiros, deve ser buscado no meio da comunidade, porque ao buscarem relacionamentos amorosos fora da igreja, poderiam ter problemas no relacionamento com Deus, isso, com base na interpretação do texto bíblico:

Não se ponham em jugo desigual com descrentes. Pois o que têm em comum a justiça e a maldade? Ou que comunhão pode ter a luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e Belial? Que há de comum entre o crente e o descrente? (BIBLIA, 2 Coríntios, 6. 14-15).

O relacionamento (namoro, casamento) com pessoas não crentes, de acordo com Couto (2001) não é bem visto nas denominações pentecostais. Existe uma perspectiva de que a mulher (principalmente) traz a família para Cristo, de acordo com o ideal pentecostal, sendo assim, o convertido (a) casado deve trazer os demais da família, conjugue e filhos, para a conversão. O divórcio não é aceito pela igreja, Couto (2001) afirma que os pentecostais acreditam que apenas a traição ou agressões físicas justificam a separação, e que os divorciados não devem relacionar-se afetivamente com outras pessoas, caso isso aconteça estarão em prostituição.

A vida sexual também está acompanhada de regras e ensinamentos, a igreja faz uso de diversos recursos para orientar os convertidos na fuga dos desejos carnis. Segundo Duarte (2006), os discursos em palestras, congressos e outros eventos de instituições pentecostais, apontam para uma vida pura, santa e geralmente essas qualidades estão relacionadas à forma como lidar com o corpo e a sexualidade.

O padrão de relacionamento tradicional sofre algumas mudanças com o tempo, mas não perde por completo sua base. Duarte (2006) afirma que o pentecostal defende um

namoro tradicional, que conduz ao casamento. Há também um forte controle familiar objetivando preservar a virgindade, principalmente das moças. Durante o namoro, há uma lista de advertências quanto aos limites entre o santo do impuro, os solteiros devem evitar qualquer aproximação mais íntima, carícias ou outros comportamentos que apontem para o ato sexual fora do casamento.

Maria de Fatima Alves (Alves, 2011) em sua pesquisa sobre sexualidade entre jovens pentecostais no estado de Pernambuco, afirma que existe uma maior preocupação da liderança com relação aos jovens, pois estes estariam mais propensos a “caírem” e adotarem o que o discurso moderno os apresenta. Maria de Fatima Alves (2011) ainda afirma que, para os jovens entrevistados, a forma como estes lidam com a sexualidade, ou seja, a abstinência do sexo é uma forma de diferenciá-los dos demais, como se pode inferir da fala dessa praticante entrevistada por Alves:

Veja bem, têm as doutrinas, sexo só depois do casamento. Tem gente que... Isso é um dogma da igreja e do cristianismo. A igreja católica é que tá mais Light, mas isso é “prego batido” e “página virada”, e quem foge dessa regra quebra a cara. É incrível, vem pessoas pra gente e diz: não vale a pena não, e eu pretendo fazer isso. Eu sou humana, por isso que uma pessoa que não é crente não ia entender isso, se eu namoro com um rapaz crente vai ser complicado, mas os dois dividem isso, pelo menos a família tem uma base, a família é a base da sociedade (Jacilene, 25 anos, “criada no evangelho”). (ALVES, 2011, p. 89).

Reconhecem que o sexo dá prazer, mas defendem que a pratica deve ser adotada apenas no casamento. Os líderes da igreja defendem a virgindade e a pureza sexual trazendo como justificativa as transformações nos valores e costumes decorrentes a modernização dos tempos, afirmando a necessidade de afastamento e não adesão a padrões que são cada vez mais hegemônicos na sociedade. Reforçando a ideia de que o mundo está em completa “degeneração”, apontam situações consideradas por eles sintomas de decadência nas relações humanas como a infidelidade conjugal, a homossexualidade e a prostituição.

Ainda segundo Maria de Fatima Alves (2011) a liderança da igreja apresenta uma ideia “ser diferente do mundo”, afirmando a necessidade e a possibilidade dos convertidos conviverem entre pessoas que praticam determinados atos, sem necessariamente envolver-se com elas, pregando uma necessidade de manter sua conduta moral intacta. E ainda que esse discurso funcione para alguns, não é suficiente para manter todos os membros nesse

pensamento, e é possível identificar esse fato nas falas dos líderes entrevistados pela Maria de Fátima, quando afirmam que “existem pessoas dentro da igreja que fazem as mesmas coisas das pessoas do mundo”. As regras apresentadas devem ser rigorosamente seguidas e sua transgressão coloca em risco a relação com o divino, mas, apesar disso, entre os entrevistados pela pesquisadora, alguns dos jovens convertidos já cometeram “delitos” nessa categoria, e logo em seguida demonstram arrependimento ou vergonha.

5.2.USOS E COSTUMES DO PENTECOSTAL

Os costumes religiosos são as regras de conduta mantida por determinada instituição, essas normas são moralmente sancionadas e restringem e limitam a conduta daqueles que se submetem a elas. Segundo Mariano (1999) essas normas possuem caráter ativo e controlam consciente ou inconscientemente aqueles que estão submetidos a elas, regulando comportamento social e reprimindo algumas tendências dos indivíduos por meio da mobilização de conteúdo emocional.

A não-conformidade com os mores provoca desaprovação moral. A reação do grupo é violenta e séria, como no adultério, roubo, assassinio e incesto, na sociedade ocidental. “Entretanto, há amplas variações nas atitudes dos grupos em relação a essas regras, de acordo com as diferentes culturas.” (LAKATOS & MARCONI, 1999, p. 140-141).

Mariano (1999) afirma que os usos e costumes são uma forma de expressão utilizada pelos pentecostais para se referir ao rigor legalista, como restringir vestuários, uso de bijuterias, corte de cabelo e alguns produtos de beleza. O processo de conversão deve envolver a criação e a manutenção daquilo que o apresentará como crente, uma fachada. Goffman (2008) apresenta o termo fachada não como sinônimo de falsidade ou mentira, o termo é atribuído ao modo de representação de si na interação com os outros, assim, o indivíduo assume formas de comportamento que garantem sua identificação.

Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação [...]. Entre as partes da fachada pessoal, podemos incluir os distintivos da função ou da categoria, vestuário, sexo, idade e linguagem, expressões faciais, gesto corporais e coisas semelhantes (GOFFMAN, 2008, p. 29).

Almeida (2011) conclui que forma de se vestir é uma das características aparentes mais distintivas do pentecostal. Ao escolher sustentar uma identidade de crente, sua observância quanto ao modo de vestir-se ganha um valor estético e simbólico, é através de suas vestimentas, que o pentecostal transmite a forma como enxergam os excessos de vaidade da cultura mundana e a moda da sensualidade. A vestimenta típica de um pentecostal envolve, no caso dos homens, calças, camisas de manga longa ou média. O uso de bonés, bermudas e camisetas é evitados. No caso das mulheres, geralmente fazem uso de saias ou vestidos que cubram as coxas, na altura do joelho ou longa, roupas extravagantes e que acompanham a moda são evitadas, assim como bijuterias e esmaltes coloridos, em ambos os casos também foi observado que as cores das roupas não são chamativas.

O estilo de roupa do convertido deve deixar claro que não é mais a mesma pessoa, que sua vida é diferente. Segundo Almeida (2011) o convertido é instruído a enxergar a via pública como um local em que se deve demonstrar sobriedade e respeito, a promessa geralmente feita pelo pentecostalismo é que a graça do Senhor terá repercussões na alma e na vida social do salvo. Sendo assim, a influência da religião não se restringe apenas ao âmbito sociocultural e comportamental, mas se apresenta na constituição do indivíduo, conforme afirma Alves (2005) a religião permite que o indivíduo tenha uma nova percepção de si, uma auto-imagem reorganizada.

A forma de comunicar-se e o padrão de tratamento com seus pares também é modificado, em geral, o modo de tratamento do pentecostal é marcado por certa formalidade. O indivíduo que antes tratava os vizinhos com irreverência e informalidade agora abandona esses padrões de relacionamentos, apelidos e gracejos devem ser evitados e o crente passa a chamar as pessoas pelo nome evitando apelidos. As experiências mundanas são lembradas pelos convertidos, com certa vergonha, como algo que não deveria ter acontecido. Almeida (2011) também apresenta as mudanças no vocabulário dos pentecostais. Segundo ele são abandonados “palavrões”, xingamentos e gírias e em lugar disso é comum ver um crente entusiasmado intercalando sua fala com frases como “Glória a Deus” ou “Só Jesus” ou “Aleluia” e assim por diante. Heidegger (2002) afirma que a linguagem é o meio como o sujeito e o mundo se revelam numa constituição mútua, o conjunto de representações razoavelmente racionais são acionadas na formalidade do discurso do indivíduo.

Os lugares como bares e festas “mundanas” são substituídos pelos cultos e eventos evangélicos, assim como a leitura da bíblia substitui outras literaturas como horóscopos e

revistas de fofoca. Os pentecostais são ensinados a ler a bíblia e a interpretar sua leitura, os pentecostais acreditam que a bíblia é fonte da sabedoria e conhecimento. Sobre a forma correta de ler a bíblia uma jovem entrevistada por Almeida (2011) declara:

“É assim: você esvazia seu coração de todo pensamento ruim. Depois você pede a Deus que te dê uma luz sobre aquilo que te atormenta. Você pega a bíblia e abre. Olhe para o primeiro lugar que seu coração mandar e lá estará a resposta. 'E se eu não encontrar a resposta?' [perguntei]. É porque você ainda não vive o mistério do Senhor” (Adrielle, 25 anos). (ALMEIDA, 2011, p.49)

A experiência religiosa é marcada pelas mudanças que o indivíduo vive, tais mudanças são constantemente representadas em desapego de coisas e um aumento no senso de fraternidade empenhando em resolver os problemas humanos, a mudança de comportamento é consequência de uma mudança subjetiva. Conforme Ribeiro (2004) o rigor das atitudes vinculadas à religião na busca por salvação, influencia propositalmente o comportamento dos convertidos. Contudo, com a liberdade de adesão religiosa percebe-se subjetivamente que ao mesmo tempo em que a religião sugere e encoraja determinados comportamentos, existe também uma identificação dos convertidos com os preceitos apresentados.

A conversão ao pentecostalismo, de acordo com Sdatler (2002), provoca alterações na socialização dos crentes, influencia também no sentimento de pertencimento, na execução de papéis e na percepção do mundo. Esse universo religioso, ainda segundo Sdatler (2002), é dotado de sentido e tem uma função de inserir ou reinserir o indivíduo no grupo. As regras institucionais são incorporadas aos valores pessoais do convertido e a partir daí influenciam comportamentos e relacionamentos interpessoais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos do pressuposto de que o indivíduo constrói um autoconceito no âmbito social e essa construção é feita ao longo de sua vida agregando características de grupos aos quais ele pertence. Nesse processo, o indivíduo integra em si mesmo, em sua identidade, a noção de mundo, valores e práticas desses grupos.

No caso do pentecostalismo, é possível definir a conversão como uma forma de escapar da angústia, uma busca por equilíbrio espiritual e até mesmo por salvação. Nesse processo, o indivíduo acaba encontrando na religião o sentido de vida que

buscava, abraçando tudo que envolve esse sentido, e negando tudo aquilo que antes lhe dava prazer.

O comportamento associado à religião alcança os relacionamentos sociais e esses relacionamentos são influenciados com o alcance que os valores religiosos tem na cultura, como por exemplo, o incentivo de relacionamentos familiares como centro de uma organização social, a divisão dos papéis sociais baseados nos escritos bíblicos e a busca por uma personalidade parecida com a de Cristo.

Podemos encontrar prejuízos e benefícios no rigor das normas pentecostais. Dentre os prejuízos, podemos citar a repressão e a culpa. Os benefícios são sociais, a identificação com o grupo, a sublimação da energia sexual voltando-se para atividades da igreja e da leitura da bíblia. As práticas de acolhimento utilizadas pelos pentecostais acabam envolvendo os novos convertidos induzindo-os a escolher continuar na sua fé.

A experiência de conversão é marcada pelo distanciamento dos atos mundanos, o que pode ocasionar certa confusão ou angustia ao convertido. Como consequência, ele busca refúgio nos crentes mais maduros e são ensinados a fugir das tentações e a procurar ajuda divina para o processo de santificação.

As angustias e pensamentos de pessoas religiosas tornam-se presente em contextos psicoterapêuticos; o profissional não deve, de forma nenhuma, ignorar ou diminuir essa característica das pessoas em nossa cultura, mas trabalhar nesse discurso religioso (sem ater-se a ele) ajudando o indivíduo a trabalhar suas questões.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cláudio Roberto dos Santos de. **O caminho do senhor: conversão pentecostal e transformação da experiência na periferia de Salvador**. Tese de Doutorado. Salvador: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, 2011. 250 f.
- ALMEIDA, João Ferreira. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- ALVES, M. F. P.; **Religião e sexualidade: Permanências e transformações da perspectiva de jovens pentecostais de Recife/PE/Brasil**. *Ciencias Sociales y Religión* (Impresso), v. 13, p. 83-113, 2011.
- ALVES, R. (1975). **O enigma da religião**. Petrópolis: Vozes.
- _____ (2005). **Religião e Repressão**. São Paulo: Loyola.
- CAMPOS Jr., Luís de Castro. **Pentecostalismo e transformações na sociedade: a igreja avivamento bíblico**. São Paulo: Annablume, 2009.
- CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento Interpretado**. São Paulo: Editora Hagnos, 2002.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método. Introdução e notas de Étienne Gilson**. Lisboa: Edições 70, 1979.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias et alli (orgs.). **Família e Religião**. Rio de Janeiro: Editora Contra Capa, 2006
- DURKHEIM, David Émile. **A Educação Moral**. Tradução de Raquel Weiss. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FRANKL, V. E. (1989b). **Um sentido para a vida**. Aparecida: Santuário
- FRANKL, V. E. (1993). **A presença ignorada de Deus**. Petrópolis: Vozes. (Originalmente publicado em 1948).
- FRESTON, Paul. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**. Em: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GALINDO, Florêncio. **O fenômeno das seitas fundamentalistas**. Petrópolis : Vozes ,1995, pp.190-91.
- GOFFMAN, Erving. Fachada. In: **A representação do eu na vida cotidiana**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008a.

- GOMES, A. M. A (2011). **Um estudo sobre a conversão religiosa no protestantismo histórico e na psicologia social da religião**. Ciências da Religião – História e Sociedade, p. 148-174.
- GONZALES, Justo L. **Uma historia ilustrada do cristianismo: A era dos mártires**. Vol.1, São Paulo: Vida Nova, 2001.
- _____. **Uma história ilustrada do cristianismo: A era dos reformadores**. Vol. 6, São Paulo: Vida Nova, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. **Construir, habitar, pensar**. In: Ensaaios e conferências. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2002
- HENNING, M. C.; MOREÉ, C. L. O. O. (2009). **Religião e Psicologia: análise das interfaces temáticas**. Revista de Estudos da Religião. 9(4).
- LA TAILLE, Y. De (2006). **Moral e ética: dimensões intelectuais e afetivas**. Porto Alegre: Artmed.
- LAKATOS Eva M.; MARCONI, Marina A. **Sociologia Geral**. 7 ed. São Paulo : Atlas, 1999.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, ANPOCS, 1996.
- MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais – Sociologia do novo Pentecostalismo no Brasil**. São Paulo. Edições Loyola, 1999.
- MENDONÇA, Antônio Gouvêa. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1984.
- NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. São Paulo: Companhia de Bolso, 1990.
- PAIVA, AR. **Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. 232 p.
- PAIVA, G. J.; Zangari, W.; Verdade, M. M; Paula, J. R. M; Faria, D. G. R; Gomes, D. M; Fontes, F. C. C.; et al. (2009) **Psicologia da Religião no Brasil: A produção em periódicos e livros**. Psicologia: Teoria e Pesquisa. 25(3), 441-446.
- PASSOS, João Décio (org.). **Movimentos do Espírito**. São Paulo. Paulinas, 2005. Coleção Ecclesia21.
- PESSANHA, P. P. & Andrade, E. R (2009). **Religiosidade e prática clínica: um olhar fenomenológico existencial**. Perspectivas Online.
- PEREIRA, F. C. P. (2006). **A prece cura? Sociedade e Cultura**, 9(1), 121-130.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. **Religião como solvente: uma aula**. Novos Estudos, n. 75, p. 1-17, junho de 2006.

- RIBEIRO, J.C. 2004 “**Os universitários e a transcendência – visão geral, visão local**”. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, Nº 2: 79-119.
- ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil; uma Interpretação Sócio-Religiosa**. Petrópolis, Vozes, 1987.
- ROHDEN, Fabíola. **Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares**. In: HEILBORN, Maria Luíza et alli (orgs.). **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005. p. 177-206.
- RYRIE, Charles C. **Teologia Básica ao Alcance de Todos**. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Ética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- STADTLER, H. 2002 “**Conversão ao pentecostalismo e alterações cognitivas e de identidade**”. Revista de Estudos da Religião, São Paulo, Nº 2: 112-135.
- VELHO, Gilberto. **Sistemas cognitivos e sistemas de crenças: Problemas de definição e comparação**. Mesa redonda na XIII Reunião Brasileira de Antropologia, USP, Abril. 1985.